HTTPS://TRANSANARQUISMO.NOBLOGS.ORG/
TRANSANARK@ANCHE.NO

INTRODUÇÃO
Inimigos e Amigos

Christopher Joseph Lee
Eric A. Stanley
Jemma DeCristo
Ren-yo Hwang[1]

tradução por *acervo trans-anarquista*

Antes de termos uma bandeira do orgulho, carregávamos a bandeira do Vietnã do Norte como nossa bandeira do orgulho.
– Leslie Feinberg

Foda-se uma bandeira.
- Miss Major

A obra de Demian DinéYazhi de 2019, *my ancestors will not let me forget this* [meus ancestrais não me deixarão esquecer isso], brilha como uma lembrança química de um mundo roubado pelo terror colonial e em uma alegre celebração da inevitável dissolução dos Estados Unidos. Como imagem de capa desta edição, a placa de neon e alumínio de Demian talvez seja um lembrete urgente para todos nós de que o genocídio é recursivo, iluminando as palavras "every American flag is a warning sign" [toda bandeira americana é um sinal de alerta]. A obra de Demian, juntamente com a insistência de Leslie Feinberg de que o anti-imperialismo é a pré-condição do Orgulho e a leitura que Major faz de tudo isso, oferece não apenas um caminho alternativo para a análise e a ação trans, mas também um caminho que confronta onde

[1] Texto originalmente publicado em inglês na revista Transgender Studies Quarterly, em fevereiro de 2024. Esse texto introduz o dossiê "Everything Must Go: Abolition, Anti-imperialism, Anarchism" [Tudo Deve Ir: Abolição, Anti-imperialismo, Anarquismo", da TSQ (v. 11, n. 1, fev/2024). Disponível em: https://doi.org/10.1215/23289252-11131649.



presumimos que o "trans" realmente vive. Em vez de mergulhar em formulações disciplinares, aqui sugerimos, com elas, que a morte do colonialismo simboliza a vida trans tanto quanto, se não mais do que, uma bandeira rosa e azul jamais poderia. Essa talvez seja outra maneira de sugerir que a única bandeira sob a qual podemos encontrar a liberação trans é a da comunização total e o fim da forma estatal como a conhecemos.

Esta edição especial emerge da exaustão. Ciclos aparentemente intermináveis de reforma-decadência, expansão-retração e progresso-pacificação corroem nossa capacidade de pensar além das formas de mediação e resolução. Nessa época de desespero e sonhos, como podemos manter a abolição perigosa? Como manteremos nossa gente segura? Contra o derrotismo sem objetivo e a alteridade genérica, muitos de nós nos sentimos capturados pelas contradições do momento atual. Encalhados, talvez, mas não perdidos. Aqui, em vez de ceder ao que Nat Raha (2017: 632) chama de nossos "states of brokenness" [estados de quebrantamento], como podemos encontrar uma saída, ou pelo menos atravessar, as múltiplas crises de durabilidade do capitalismo racial?

Embora esta edição especial viaje com os termos *anti-imperialismo*, *anarquismo* e *abolição*, eles não são apresentados como intercambiáveis nem oferecidos como antagonismos. Esses signos amplos nos oferecem maneiras de ler o presente que se desenrola, tanto quanto nos orientam para a necessidade de ação direta. Em vez de, mais uma vez, reproduzir uma luta entre comunistas e anarquistas, que vive principalmente no papel, pensamos sobre onde os dois se encontram. Não se trata de silenciar suas diferenças necessárias, mas de apontar para o entendimento de como essas diferenças nos levam a outro lugar. Em outras palavras, estamos menos preocupados com as complexidades dessas diferenciações do que em aprender juntos novas possibilidades de destruir o mundo que está nos destruindo.

Oferecemos esta edição como não definitiva e contra a própria ideia da última palavra. Como qualquer texto, ele só pode representar fragmentos de possibilidades, especialmente quando as possibilidades parecem nos escapar. Intencionalmente, construímos esta coleção em torno de uma série de conversas com insurgentes que estão produzindo teorias trans vitais fora da academia e, muitas vezes, contra ela. Enquanto alguns são antagônicos à ideia de uma sala de aula, outros permanecem mais ambivalentes; no entanto,



todos estão escrevendo/fazendo/pensando em celas de prisão, SROs[2] (alojamentos de quarto individual), squats ou nas ruas. Não se trata de catalogar espaços de alteridade imaginada, mas de reafirmar nosso compromisso com o belo fluxo do conhecimento. Também optamos por incluir o trabalho de vários acadêmicos mais jovens, cujo trabalho nos estimula. Embora nunca seja suficiente, temos o compromisso de tornar este volume acessível àqueles que estão nas prisões e não têm afiliação institucional. Ainda que tenhamos feito todos os esforços para descentralizar a academia como base de nosso estudo, também reconhecemos os limites de nossa visão editorial para esta edição. Nossa esperança, no entanto, é que essa variedade de materiais intelectuais e didáticos possa inspirar até mesmo um vislumbre da indisciplina que impediu a construção de novas instalações carcerárias e incendiou delegacias de polícia.

TORNANDO-SE UMA AMEAÇA

Sob um monte de cachos, uma mulher branca exibiu um sorriso brilhante, acentuado por um batom vermelho bem desenhado, enquanto caminhava pela Market Street, em São Francisco. Como ela veste uma mistura de bottons de várias lutas antirracistas globais, quase se poderia ignorar o rifle Winchester de coronha grossa que ela brandia com um sorriso (fig. 1). Claro que o rifle era falso, e daí? Segurar esse rifle com certeza intimidou mais seu inimigo do que segurar e agitar uma bandeira do arco-íris. Para esclarecer, Tede Matthews não estava marchando com o novo esquadrão de delatores da proto-polícia, os “Panteras Lavanda”, iniciado pelo cofundador da SF Pride, Raymond Broshears.[3] Não, Matthews, poeta queer, performer drag e organizadora, está se armando contra o governo dos EUA. Para Matthews, o rifle significava a necessidade de uma ação direta queer fabulosamente militante contra a crescente violência imperial dos EUA que está sendo travada em todo o Sul

---

[2] N.T.: single-room occupancy, em referência ao aluguel ou compra de quartos individuais para moradia; geralmente, os residentes de um estabelecimento com múltiplos quartos individuais dividem as áreas comuns (cozinha, banheiro, sala etc.)

[3] Como descreve Christina B. Hanhardt (2013: 94), as vigílias de rua realizadas pelos Panteras Lavanda de Broshears adotaram o estilo militante dos Panteras Negras, ao mesmo tempo em que mudaram seu foco dos abusos policiais para o confronto com os “chamados punks”, em grande parte adolescentes de origem mexicana e negra, que eles consideravam responsáveis por causar confusão em São Francisco.



global, no Sudeste Asiático, na África e, principalmente, na América do Sul e Central.



Figura 1. Tede Matthews, San Francisco Gay Freedom Day, 1975. Fotógrafo desconhecido.

Para entender o que levou Matthews a sair às ruas, como ela fazia com frequência, é preciso considerar tanto a possibilidade quanto a impossibilidade da construção de um movimento anti-imperialista nos Estados Unidos, uma questão que a grande amiga e camarada de Matthews, June Jordan, ponderou em seus próprios escritos. Jordan (1975: 41), que mais tarde faria uma homenagem a Matthews quando ela morreu de AIDS em 1993, perguntou o que poderia ser feito para deter a violenta procissão do império dos EUA:

> O que a vida e a morte significam para nós, nos Estados Unidos? Somos capazes de luto, de algo como expiação? Ou estamos limitados a uma capacidade ilimitada de dar tapinhas nas costas dos tipos vencedores? Podemos empreender uma resposta moral à morte, aos perdedores da vida e do destino: podemos expiar as vidas que tiramos, os destinos que levamos à extinção? Essas perguntas não são retóricas: estou pensando no Chile. Onde está o clamor, o movimento da náusea, da vergonha, do silêncio, para um ato,

> um levante, que redimirá, que tentará redimir esse recente massacre histórico?

Matthews, sem dúvida, ouviu o chamado de sua futura camarada, Jordan, e estava pronta para o desafio, porque ela já era uma ativista contra a guerra e uma fugitiva do recrutamento. Apenas alguns anos antes de chegar a São Francisco, Matthews havia fugido para Boston para evitar o alistamento militar na guerra imperialista dos EUA no Vietnã. Quando os agentes do FBI (Federal Bureau of Investigation), que vigiavam os ativistas antiguerra, localizaram Matthews, apareceram em sua porta e exigiram que ele se apresentasse para a admissão militar, "Ele [Matthews] apareceu com um traje feminino de alta qualidade e enfrentou o exame físico do exército, declarando em um momento: 'Dahling, EU SOU uma fantasia homossexual!' e convencendo os médicos de que ele não era adequado" (Hobson 2016: 73). Matthews viveu, como viveria durante grande parte da década de 1970, como mulher, sobrevivendo com shows de drags e dinheiro do trabalho sexual, mas na maioria das vezes se identificava como "faggot, sissy ou uma queen" [bicha, maricas ou *queen*], identidades que também apareciam no título de um workshop que Matthews conduziu sobre antiestupro e antifemmefobia (72).

Pouco tempo depois de se mudar para São Francisco, Matthews se juntou a um grupo no qual provavelmente conheceu Jordan, o Gays in Solidarity with Chilean Resistance [Gays em Solidariedade com a Resistência Chilena] (GSCR), formado em resposta ao golpe fascista apoiado pelos EUA no Chile para derrubar o líder socialista Salvador Allende. A década de 1970 no Chile marcou um período de brutal repressão antigay, e grupos como o GSCR tentaram documentar, compartilhar informações e realizar ações diretas. Quando a drag performer Lola Puñales foi brutalmente torturada, estuprada, castrada e morta pelos esquadrões da morte de Augusto Pinochet, os coletivos queer e trans estavam entre os poucos grupos que responderam à enormidade antigay perpetuada pelo regime fascista apoiado pelos EUA. Em 1974, o GSCR organizou uma ação direta e um piquete em torno do consulado chileno em São Francisco, impedindo a entrada de qualquer pessoa e exigindo o fim da violenta perseguição às pessoas queer e a todas as pessoas no Chile sob o regime autoritário de Pinochet. O GSCR organizou uma ação de solidariedade com o coletivo de profissionais do sexo radicais COYOTE (Call Off Your Old Tired Ethics [Cancele sua Velha e Ultrapassada Ética]) para que profissionais do sexo se recusassem a prestar serviços aos marinheiros do navio chileno Esmerelda, que haviam sido os autores militares dos programas de tortura de



Pinochet contra civis chilenos queer. Essa organização não foi feita apenas por queers "de fora", mas também por exilados chilenos queer que fugiram dos expurgos mais concentrados de Pinochet para o litoral em meados da década de 1970.

Pequenos canais comunitários de comunicação e apoio queer sustentaram essa organização internacionalista radical. Por exemplo, Matthews atuou temporariamente no *San Francisco Sentinel*, uma das muitas plataformas de uma nova geração de políticas queer internacionalistas e anti-imperialistas no litoral. Em vez da expansão monopolizada do que hoje conhecemos como mídia social, periódicos como o *Sentinel* se concentravam em pontos menores de conectividade, o que parecia tornar essa política ainda mais possível, mesmo diante da total falta de resposta que Jordan observava em relação à marcha constante do império dos EUA.

Muito pior do que a apatia que Jordan denunciou, a preocupação política queer se voltaria rapidamente para os direitos homossexuais e outros modos de participação em processos democráticos assimilatórios pró-EUA que eram imperialistas em seu cerne. Na luta pelo acesso e participação nas corporações globais e na máquina de guerra da qual Matthews fugiu e enganou, a vontade política de obter admissão ao poder do estado foi facilmente assimilada aos objetivos do império norte-americano. O desejo de incorporação e o legado de tal recrutamento tornaram o internacionalismo queer/trans, como Jordan advertiu, improvável, se não impossível. Qualquer suporte fragmentado, real ou imaginativo, obtido pela participação e representação em tais projetos imperiais permanece meramente incidental, temporário e seletivamente distribuído.,[4]

Não é como se o internacionalismo trans estivesse, na época de Matthews, sendo construído "em nome" de um outro idealizado. Como atesta sua própria fuga do alistamento militar e do belicismo, viver no fim do império norte-americano era um interesse compartilhado. No início da década de 1980, em São Francisco, um grupo de anarquistas e comunistas se uniu para formar o Lesbians and Gays Against Intervention [Lésbicas e Gays Contra a Intervenção] (LAGAI) (Meronek 2016, 2018). A LAGAI, cofundada por Matthews, Deeg Gold, Cole Benson e vários outros, foi organizada especificamente como uma resposta à escalada da intervenção dos EUA e ao patrocínio estatal de esquadrões da morte fascistas de El Salvador no final dos anos 1970 e início

[4] N.T.: essa vírgula consta no arquivo original.



dos anos 1980. Grupos trans/queer como o LAGAI, juntamente com um de seus desdobramentos posteriores, o Queers Undermining Israeli Terrorism [Queers Minando o Terrorismo Israelense] (QUIT), coordenaram seu trabalho com as lutas anti-imperialistas ativas no exterior e, ao mesmo tempo, mantiveram uma política anti-assimilacionista que buscava desmantelar a máquina de guerra dos EUA por dentro.

“Assimilação NÃO é liberação” foi um slogan frequente da LAGAI durante toda a década de 1980 da era Reagan. Durante a primeira invasão do Iraque, a LAGAI lançou um slogan e uma campanha ainda mais ousados, “We like our queers out of uniform” [Gostamos de nossos queers sem uniforme], complementando a famosa interrupção de um noticiário noturno da CBS pela ACT UP com a exigência de “fight AIDS, not arabs” [combater a AIDS, não os árabes]. A LAGAI e outros grupos queer/trans anti-imperialistas organizaram o cancelamento de recrutamentos para privar o maior esquadrão da morte do mundo, o exército dos EUA, de seus recursos humanos. Grupos como LAGAI alimentaram esse legado de anti-imperialismo queer, culminando, em 2003, no maior protesto de rua da história do litoral, o “Direct Action to Stop the War” [Ação Direta para Parar a Guerra], voltado contra a invasão do Afeganistão pelos EUA e a segunda invasão do Iraque. Assim como no amplo período da década de 1990, o início dos anos 2000 assistiu ao crescimento da educação política e da radicalização em torno da libertação queer palestina e antissionista.

Hoje, podemos interpretar os esforços de Jordan e Matthews como simples apelos à solidariedade. Mas a solidariedade pressupõe, com muita facilidade, que o manto da representação nos beneficia às custas da punição de um outro global do sul. Em vez disso, essas ações históricas repreendem nossa individualização condicional para demolir coletivamente os sistemas que nos matam e aprisionam. A vida de Matthews de cuidado queer e presença militante nomeia algo muito mais amplo do que solidariedade, o que obscurece o fato de que a luta para derrubar os pilares do imperialismo dos EUA é simultaneamente uma luta por nossas vidas.

Enquanto isso, nossos inimigos fazem amigos nos locais públicos dos quais estamos sendo cada vez mais expulsos. Empresas de tecnologia como a Google e a Meta não apenas desfrutam de uma oposição menos militante, mas também empregam uma classe gerencial pequena, mas significativa, de



burgueses trans para defender e expandir seu alcance.[5] Esses tecnólogos trans, em sua maioria brancos (mas em rápida diversificação), projetam sistemas de orientação de mísseis e software de navegação de drones, enquanto agitam seus arco-íris com a marca corporativa em meio ao evento turístico gentrificante do Orgulho de São Francisco, que invade as mesmas ruas que Matthews já patrulhou de maneira ferozmente desafiadora.[6]

Essa iteração da visibilidade trans encobre as milhões de mortes de negros e marrons[7] que se tornaram anônimas por meio da guerra biométrica e de IA, e aprofunda a perda incalculável da vida trans indígena e colonizada no Sul global, causada pelo ecocídio corporativo angariado por militares. O internacionalismo trans, portanto, deve abolir militantemente nossa intimidade com corporações, igrejas e os estados que nos matam, e em nosso nome, em todo o mundo, inclusive aqui. O que o espetáculo de Matthews nos faz lembrar é que não é uma ação secreta mítica que está por vir, nem um alívio legal e silencioso baseado em direitos, que nos permitirá abolir o próprio estado imperial que concede direitos seletivamente simbólicos e “visibilidade” legal.

Seja inundando a plataforma de contraorganização de um bate-papo do Signal, onde firmamos acordos para nunca nos encontrarmos, ou pleiteando na obscuridade o direito de administrar nossa dor em particular por meio da filantropia global e tensa do GoFundMe, nosso cenário de contraorganização da mídia digital mapeia um território diferente para percorrermos. Nossa ordem atual de conectividade organizada é provida por oligarcas tecnológicos financiados pelo Departamento de Estado dos EUA, cujas supostas tecnologias de “contra-vigilância” fornecem a furtividade de que precisamos para um dia, algum dia, talvez nos manifestarmos um pouco contra eles. Já para a fabulosa demonstração de força de Matthews, o mundo inteiro era um palco, e não um depósito de paranoia esgotada e infindáveis campanhas de

---

[5] Enquanto alguns membros da comunidade queer pedem que empresas de tecnologia, como o Google, se “aliem” ao Orgulho em meio à escalada de ataques anti-LGBTQ (consulte DiFeliciantonio 2023), o Google continua a desenvolver inteligência artificial (IA) destruidora de vidas e tecnologias de vigilância para o governo israelense (consulte Biddle 2022).

[6] É revelador, por exemplo, o fato de empresas como a Lockheed Martin e a Raytheon serem constantemente elogiadas pela Human Rights Campaign por construírem locais de trabalho trans-inclusivos enquanto constroem as próprias armas que impulsionam a máquina de guerra dos EUA. Veja Human Rights Campaign 2022.

[7] N.T.: nos EUA, “brown” [marrom] é utilizado como uma categoria racial para designar pessoas do sul asiático, oriente médio, população originária do território norte-americano e latinos; portanto, seria incorreto traduzir esse termo como “pardos”.



jogar moedas no abismo. Existimos em um dilúvio de hiperconteúdo e em uma fantasia de anonimato que complementa, se não coabita, a hipervisibilidade da nossa atual representação trans *como* trans. Como estamos unidos por uma vigilância mutuamente instalada e por nossa produção coercitiva de valor e conteúdo, a vida pública da demonstração de força de Matthews parece muito remota. O que resta do legado de Matthews hoje, quando o *consumidor* e o *cliente* agora indexam o horizonte distópico daquilo que constitui uma política trans?

SEM FLORESTA, SEM PAZ

No momento em que esta introdução está sendo escrita, uma campanha internacional foi organizada para pôr fim ao projeto de desenvolvimento conhecido como "Cop City" [Cidade Policial] em Atlanta, Geórgia. Esse projeto ameaça destruir centenas de acres do que os Mvskoke chamam de Floresta Weelaunee para construir a maior instalação policial dos Estados Unidos. A natureza pública e privada da proposta da Cop City, com dois terços de seu financiamento vindo de empresas e um terço de gastos públicos, revela as alianças estratégicas forjadas entre líderes empresariais, políticos e sem fins lucrativos para expandir o poder da polícia após as revoltas de 2020. De fato, em estados como Illinois, Califórnia, Michigan, Texas e Havaí, locais semelhantes estão sendo desenvolvidos para treinar oficiais em novas formas de guerra e combate urbano.[8]

Contra essa tempestade perfeita de roubo de terras por empreiteiras e aquisição pelo estado está a resistência organizada para interromper a construção da Cop City, que exigiu uma coalizão estratégica de dissidência abolicionista, anarquista e anticolonial. Esses esforços estão inseridos e são inspirados pela história mais ampla e longa de revolta contra a expropriação do estado. A terra em que a Cop City se situaria contém essas histórias interligadas de expropriação e domínio violento - a remoção forçada do povo Mvskoke da Floresta Welaunee, a transformação da terra roubada em plantações de escravos e o redesenvolvimento dessas plantações na Fazenda da Prisão de Atlanta (fechada em 1995). Embora essa instalação prisional, antes conhecida como "fazenda de honra", tenha sido revestida de uma aparência de reforma, elogiada por sua abordagem mais humana para

[8] Para obter uma lista mais abrangente dos desenvolvimentos propostos, consulte Herskind 2023.



reabilitar infratores de baixo risco, pesquisas recentes sobre o local revelaram as condições atrozes enfrentadas por seus trabalhadores cativos, incluindo superlotação, falta de saneamento e de assistência médica e abuso generalizado.[9]

A reconstrução da Fazenda Prisional de Atlanta se reveste, mais uma vez, da promessa vazia de progresso. A Atlanta Police Foundation [Fundação Policial de Atlanta], uma organização sem fins lucrativos liderada por um conselho de diretores que inclui executivos de quase todas as grandes corporações de Atlanta, propôs que o treinamento realizado nas novas instalações da polícia "abraçará a sensibilidade cultural" e "estabelecerá um padrão nacional para o envolvimento da comunidade, a sensibilidade da vizinhança e a devoção aos direitos civis".[10] O fato de toda essa ação estar sendo levada adiante sob o pretexto de reforma dá cobertura a um desenvolvimento maciço que desmataria grandes áreas de floresta, abandonaria as comunidades com menos recursos de Atlanta à catástrofe ecológica e financiaria ainda mais a instituição racista e violenta do policiamento moderno.

O desenvolvimento de Cop City é um prenúncio da incorporação seletiva pelo estado, em que formas de policiamento mais suaves, mais diversificadas e mais inclusivas em termos de gênero obscurecem nossas exigências abolicionistas: interromper a construção de novas arenas e campos de treinamento para o policiamento e devolver a terra ao povo expropriado da Ilha das Tartarugas. A resistência organizada contra Cop City reflete a necessidade de reimaginar o horizonte de possibilidades além das figurações vazias de representação. O "aviso de despejo" entregue pelos líderes Mvskoke ao governo e à polícia de Atlanta, por exemplo, estabelece nada menos que a libertação total das terras dos colonizadores Mvskoke e o fim imediato da "violência e do policiamento de indígenas e negros nas terras dos Mvskoke" (Harper 2023).

Em um lembrete cruel do que realmente significa "reimaginar o policiamento", Cop City fez sua primeira vítima antes mesmo do início da construção. Durante uma operação matinal conduzida pela polícia e equipes da SWAT para retirar os defensores da floresta do local proposto para o projeto de desenvolvimento,

---

[9] O zine do Atlanta Community Press Collective (2021) sobre a história do complexo Cop City detalha como os relatos da chamada "fazenda de honra" omitiram em grande parte a "violência e os danos incalculáveis" embutidos nas "alegações de reforma".
[10] Para saber mais, consulte a descrição da Atlanta Police Foundation (n.d.) de seu "Public Safety Training Center".



as tropas do estado da Geórgia atiraram e mataram Tortuguita, ume ativista indígena não binárie que participou do acampamento de protesto que bloqueou o empreendimento (fig. 2). Aqui, o compromisso do Estado com a "sensibilidade cultural" toma forma como um ataque coordenado e um assassinato extrajudicial. Na verdade, o Cop City deveria ser visto pelas lentes de um regime de segurança global em expansão, uma vez que certamente serviria como um campo de treinamento cruzado para a militarização da polícia por meio do Georgia International Law Enforcement Exchange [Intercâmbio Internacional de Aplicação da Lei da Geórgia] (GILEE), que trabalha com agências estrangeiras como a Força Policial de Israel desde 1999.[11] Embora os tiros que ceifaram a vida de Tortuguita tenham sido considerados excepcionais na história do ativismo ambiental dos EUA, a escala global da violência coordenada contra os defensores dos direitos ambientais e indígenas evidencia a extensão assassina com que o poder estatal e corporativo protege seus interesses.



Figura 2. "Tortuguita", por taller ahuehuete, 2023.

[11] Mesmo antes da proposta de desenvolvimento da "Cop City", os ativistas vêm, há anos, pedindo a abolição do programa GILEE. Consulte Black Alliance for Peace 2023.



A luta para impedir Cop City é apenas uma das muitas lutas de base contra a militarização da polícia e a apropriação de terras por empresas. Ainda assim, sinaliza os atos de resistência coletiva necessários para impedir o conluio entre a propaganda da aplicação da lei e os esquemas dos desenvolvedores. Que a primeira pessoa assassinada no esforço para deter Cop City fosse trans não deve ser visto como um marcador excepcional de uma política violenta, mas sim como um emblema de uma existência trans impossível de ser compreendida pelas instituições de criminalização, deportação e morte da polícia e das prisões. Quantas vidas trans mais serão perdidas para aperfeiçoar sistemas projetados para liquidar toda a vida sob os registros mortais da lei, dos direitos e da representação? Desde a organização internacionalista anti-imperialista de Matthews e Jordan até a luta pela abolição da Cop City por Tortuguita e outros, esses movimentos apontam para o fato de que a morte anti-trans e anti-queer está aninhada dentro do negócio usual da militarização da polícia e do imperialismo da segurança global.

Embora a frase “Stop Cop City" (Pare a Cidade da Polícia) possa parecer exigir a prevenção de uma coisa monstruosa (e nada mais), é nesses atos de obstrução que cultivamos a possibilidade de algo menos desastroso em seu lugar. Como explica Ruth Wilson Gilmore (2018), “a abolição não é apenas ausência... mas uma presença carnal e material da vida social vivida de forma diferente”. Em resposta ao medo de que a abolição funcione apenas “queimando a terra”, o apelo de Gilmore à presença é um lembrete de que não podemos readaptar uma sociedade civil construída sobre bases coloniais e carcerárias. A contestação abolicionista possibilita a presença abolicionista ao impedir a lógica liberal da “mudança”, que transforma nossos sistemas violentos existentes em outros mais eficientes e lucrativos. Somente em Cop City, vemos a força destrutiva seguindo o caminho do redesenvolvimento - a instalação de treinamento da polícia construída sobre a prisão, a fazenda de honra construída sobre a plantação. Ao invés de nos afligirmos com a extensão da luta abolicionista necessária para reconstruir o mundo, consideramos os mundos destruídos todos os dias para abrir caminho para mais morte e catividade. Não é a destruição, portanto, que é antitética à abolição, mas a destruição da vida que a sociedade civil e o capitalismo exigem. Sobre essa necessidade generativa, CeCe McDonald (2015: 2) escreve: “Não há outra maneira de contornar a violência da [prisão]. Temos que destruí-la”.



QUEREMOS TUDO PARA TODOS

Após as revoltas de 2020, a abolição enquanto ideia e prática se espraiou por espaços para além do que os intelectuais presos que inicialmente a teorizaram. Embora a retirada de fundos da polícia seja o piso da abolição, isso foi reposicionado pelos liberais como sendo seu teto. Aqui, os reformistas fazendo *drag* de abolicionistas consideraram essa medida muito alienante para o povo e muito ineficaz do ponto de vista eleitoral para ganhar força popular. Os críticos do desfinanciamento (sem ligação com uma análise abolicionista militante) a colocaram dentro da zona de reformas reformistas que fizeram pouco para mitigar a violência estatal. À medida que esse drama se desenrolava, tanto os apelos para a retirada do financiamento quanto os apelos para a abolição foram considerados "ameaças à sociedade civil" e abandonados em favor da lógica da "lei e da ordem". Aprendendo e cooptando nossa linguagem, as cidades aumentaram os orçamentos da polícia sob o slogan "Black Lives Matter" (Vidas Negras Importam). Enquanto a contrarrevolução cresce, a pedagogia da luta nos ensina que as ruas vencerão.

Além disso, se a contra-revolução é, como argumentou Herbert Marcuse (1972), "preventiva", e nesta prevenção antecipa com chocante clareza nossa atual condição, então a reforma também é prefigurativa. Aguarda, antes mesmo que uma demanda tenha sido sonhada, e então intercepta com brutal precisão. Em toda parte, argumenta-se que o espectro da "polícia sem fundos", cujo financiamento só tem aumentado, é o catalisador de uma onda crescente de pequenos furtos. As pessoas saqueadas expropriam uma fração do que lhes foi roubado. E, no entanto, a punição para quem rouba bens da pilhagem corporativa é muito mais mortal do que qualquer outra que um CEO possa enfrentar. Juntamente com o aumento maciço do orçamento real da polícia, um exército de ocupação de "embaixadores da comunidade" foi contratado para patrulhar e assediar pessoas trans/queer sem-teto que chamam as ruas de lar.[12] Em uma inversão perversa da linguagem de nossa abolição, esses agentes ficam ocultos sob a bandeira de membros da comunidade "anteriormente encarcerados" ou "anteriormente sem moradia". Aqui, um escudo de identidade de relações públicas é forjado para proliferar o

[12] Um relatório (Roy et al. 2022) de autoria do After Echo Park Lake Research Collective descreve como os chamados grupos comunitários, como a Urban Alchemy, atuam como "corretores mercenários de expropriação" cuja "função contratada pela cidade é fazer desaparecer a pobreza visível de uma maneira que parece menos violenta e mais palatável do que os sistemas de varredura anteriores".



encarceramento, exatamente como funcionava anteriormente para deslocar e legitimar a violência na "atualidade". Como, então, podemos romper com a captura e soltura de um senso comum carcerário que vive sob o nome de reforma, que ganha mesmo quando perde?

Entre as questões que nos mantêm presos à ideia de estado está o pressuposto de que ele é o melhor, ou talvez o único, sistema de distribuição organizada. Isso se torna ainda mais premente quando a alternativa apresentada é a privatização do que se supõe ser o bem comum. Não apenas a privatização (e seu ethos de propriedade) é oferecida como o mecanismo necessário de troca material, mas a própria ideia de bens comuns se torna acessível apenas por meio de uma estrada fechada que leva a uma ponte privada e "uma medida de corte de custos", dizem, que sempre custa mais. Mais precisamente, essa formação se enquadra no temido nome de parceria público-privada, um mecanismo fatal de transferência ascendente, o gozo do capital. A resposta do estado, ou a não resposta intencional, à atual pandemia da COVID-19 cristaliza esses mesmos antagonismos. Uma igreja em defesa da justiça social ofereceu testes gratuitos em Tenderloin, em San Franciso, para ampliar o "acesso", enquanto o local era administrado por uma startup de tecnologia que recusava quem não tinha smartphones e contas do Google (Toren 2020). Depois de bilhões gastos, esses sistemas, acumulados sob o nome de distribuição e acesso, continuam inacessíveis. A alocação automatizada por máquinas promete agilizar a logística, encurtar as rotas e desobstruir os canais, mas os suprimentos sempre estiveram restritos; a escassez é a função da lógica de estruturação do capitalismo racial, e não uma falha. A crise é de superprodução, e o suficiente se torna aquilo que o sistema não consegue suportar, de modo que as moradias ficam vazias, os alimentos apodrecem e os testes de COVID-19 são destruídos - esse é o plano de distribuição do estado.

Que formas, então, de subterfúgio anarquista e apoio mútuo podem ser escalonáveis à medida que construímos infraestruturas de abundância, não para poucos e ricos, mas para todos? Que exigências devemos fazer ao estado, não para concretizar seu mito, mas para possibilitar nosso florescimento coletivo e a destituição do estado? O que se torna possível quando o foco deixa de ser a melhoria dos sistemas de coerção e passa a ser a construção de redes sustentáveis de cuidados interdependentes radicais?



Moradia e assistência médica gratuitas. Ônibus e hormônios gratuitos, Palestina livre. Queremos nos libertar do mundo de pesadelos da liberdade dupla, erroneamente chamada de Estados Unidos. Libertem todos, libertem todos nós. Essa lista, que não nos pertence e nunca deve ser concluída, é o que o estado não permite que seja escrito. Como nos movemos a partir da verdade dessas demandas, quando somos prejudicados por uma negligência paradigmática? Como damos forma ao coletivo, enquanto também estamos desmoronando?

O anarquismo é uma incisão. Ele corta, não para ferir, mas para que o dano possa permanecer como uma cicatriz e não mais como uma ameaça. Isso, é claro, não é uma metáfora em um mundo constituído como um estado de guerra total. Essa batalha, é claro, também não é uma metáfora, pois a névoa da morte permanece. Os desaparecidos que foram assassinados pela inação, na forma de ação, de um sistema dedicado à disseminação da COVID-19 em cadeias, prisões, centros de detenção da Imigração e da Alfândega, prisões psiquiátricas, casas de recuperação, abrigos de congregação e muitos outros espaços deixam isso evidente. Aqui, a inação e a ação não constituem opostos, mas sim a fórmula do poder do estado, na qual a incoerência ainda encontra seu objetivo com terrível precisão. Isso foi elucidado pela primeira vez para muitos de nós nos primeiros anos da pandemia de HIV/AIDS, que, junto com milhões de outras pessoas, tirou a vida de Kuwasi Balagoon na prisão de Auburn. Foi nessa mesma época que a luta pela libertação de Marilyn Buck, liderada no litoral por Out of Control: Lesbian Committee to Support Women Political Prisoners [Fora de Controle: Comitê Lésbico para Apoiar Mulheres Prisioneiras Políticas], ofereceu a abolição como antídoto para o veneno que é o mundo. Queremos nos concentrar aqui, na cosmologia do atlas do antiautoritarismo - um esconderijo para o ingovernável. Em vez de uma pergunta, talvez possamos nos ater à declaração da verdade de Marilyn à medida que ela continua a nos ajudar a pensar sobre as questões que estão entrelaçadas nesta edição: “Eles me chamam de inimiga do Estado, então devo estar fazendo algo certo.”[13]

Terminamos com outro começo, pois as conversas e análises reunidas aqui representam lugares para pensar e não posições que estão além de seu contexto. Enquanto as ondas de fascismo que são a Amerikkka continuam a

[13] Conforme citado no pôster de homenagem (We Are the Crisis Collective, 2010), serigrafado para o memorial de Marilyn Buck.



atingir aqueles que já foram atingidos pela história, esperamos que as palavras levem a ações e que essas ações sejam reavaliadas e revisadas em direção a uma escalada ainda maior. Os escritos aqui reunidos não podem oferecer uma proscrição definitiva para o mundo que está por vir, pois a fumaça ainda é muito densa. Com a luz das bandeiras em chamas para nos guiar, permanecemos com o fato de que a destruição também pode ser uma abertura, e que tornar-se inimigo é outro nome para a amizade.

REFERÊNCIAS

Atlanta Community Press Collective. 2021. "A Brief History of the Atlanta City Prison Farm." August 14. https://atlpresscollective.com/2021/08/14/history-of-the-atlanta-city-prison-farm/.

Atlanta Police Foundation. n.d. "Programs." https://atlantapolicefoundation.org/programs/ (accessed September 12, 2023).

Biddle, Sam. 2022. "Documents Reveal Advanced AI Tools Google Is Selling to Israel." Intercept, July 24. https://theintercept.com/2022/07/24/google-israel-artificial-intelligence-project-nimbus/.

Black Alliance for Peace. 2023. "Abolish the GILEE Program and Stop Cop City: A Statement from the Black Alliance for Peace Atlanta Citywide Alliance." May 22. https://blackallianceforpeace.com/bapstatements/abolishgileeprogramstopcopcity.

DiFeliciantonio, Chase. 2023. "S.F. Drag Queen Speaks Out after Google Dials Back Pride Presence." San Francisco Chronicle, July 28. https://www.sfchronicle.com/sf/article/s-f-drag-queen-google-pride-18175361.php.

Gilmore, Ruth Wilson. 2018. "Prisons and Class Warfare: An Interview with Ruth Wilson Gilmore." Interview by Clément Petitjean. Verso blog, August 2. https://www.versobooks.com/blogs/news/3954-prisons-and-class-warfare-an-interview-with-ruth-wilson-gilmore.

Hanhardt, Christina B. 2013. Safe Space: Gay Neighborhood History and the Politics of Violence. Durham, NC: Duke University Press.



Harper, Braden. 2023. "Mvskoke Protesters Deliver Eviction Notice to Stop 'Cop City' on Georgia Homelands." Mvskoke Media, March 17. https://www.mvskokemedia.com/mvskoke-protesters-deliver-eviction-notice-to-stop-cop-city-on-georgia-homelands/.

Herskind, Micah. 2023. "This Is the Atlanta Way: A Primer on Cop City." Scalawag, May 1. http://scalawagmagazine.org/2023/05/cop-city-atlanta-history-timeline/.

Hobson, Emily K. 2016. Lavender and Red: Liberation and Solidarity in the Gay and Lesbian Left. Oakland: University of California Press.

Human Rights Campaign. 2022. "Best Places to Work for LGBTQ+ Equality 2022." https://www.hrc.org/resources/best-places-to-work-for-lgbtq-equality-2022 (accessed September 12, 2023).

Jordan, June. 1975. "The Black Poet Speaks of Poetry: Chile: A New Imperative." American Poetry Review 4, no. 6: 40–42.

Marcuse, Herbert. 1972. Counterrevolution and Revolt. Boston: Beacon.

McDonald, CeCe. 2015. Foreword to Captive Genders: Trans Embodiment and the Prison Industrial Complex. 2nd ed. Edited by Eric A. Stanley and Nat Smith, 1–3. Oakland, CA: AK.

Meronek, Toshio. 2016. "How a Queer Liberation Collective Has Stayed Radical for Almost Forty Years." Waging Nonviolence, July 23. https://wagingnonviolence.org/2016/07/how-a-queer-liberation-collective-has-stayed-radical-for-almost-40-years/.

Meronek, Toshio. 2018. "Queer Anti-war Activists Challenge Military Inclusion." Waging Nonviolence, April 30. https://wagingnonviolence.org/2018/04/queer-antiwar-military-inclusion/.

Raha, Nat. 2017. "Transfeminine Brokenness, Radical Transfeminism." South Atlantic Quarterly 116, no. 3: 632–46. https://doi.org/10.1215/00382876-3961754.

Roy, Ananya, et al. 2022. (Dis)Placement: The Fight for Housing and Community after Echo Park Lake. N.p.: UCLA Luskin Institute on Inequality and Democracy. https://escholarship.org/uc/item/70r0p7q4.

Toren, Michael. 2020."The New Tenderloin COVID-19 Testing Site Was Supposed to Make Testing Accessible and Easy—but Requiring a Smartphone



and Google Account Nixed That." Mission Local, May 22. http://missionlocal.org/2020/05/the-new-tenderloin-mobile-site-was-supposed-to-make-testing-accessible-and-easy-but-requiring-a-smartphone-and-google-account-nixed-that-possibility/.

We Are the Crisis Collective. 2010. "Marilyn Buck Tribute Poster." Reprinted by Just Seeds, 2021. https://justseeds.org/product/marylin-buck/.

